



Universidad de Costa Rica

www.revistas.ucr.ac.cr/index.php/actualidades

Perpetração do cyberstalking em relacionamentos íntimos: a personalidade e a variável sexo são preditores?

Perpetration of cyberstalking in intimate relationships: are personality and sex variable predictors?

Paulo Gregório Nascimento da Silva ¹

 <https://orcid.org/0000-0002-2878-309X>

Dayane Gabrielle do Nascimento Dias ⁴

 <https://orcid.org/0000-0002-4175-0217>

Patrícia Nunes da Fonseca ²

 <https://orcid.org/0000-0002-6322-6336>

Lays Brunnyeli Santos de Oliveira ⁵

 <https://orcid.org/0000-0003-1196-6014>

Anna Dhara Guimarães Tannuss ³

 <https://orcid.org/0000-0001-6945-4041>

^{1, 2, 3, 4, 5} Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, Brasil

¹ ✉ silvapgn@gmail.com ² ✉ pnfonseca.ufpb@gmail.com ³ ✉ anna.dhara@academico.ufpb.br ⁴ ✉ dayane.gabrielle@academico.ufpb.br

⁵ ✉ lays_brunnyeli@hotmail.com

Recebido: 29/08/2024. Aceito: 13/05/2026.

Resumo. *Objetivo.* Verificar o poder preditivo dos traços de personalidade nos comportamentos de perpetração do *cyberstalking*, controlando a variável sexo. *Método.* Participaram 267 pessoas que vivenciaram ou estavam vivenciando um relacionamento íntimo. Foram aplicados a *Intimate Partner Cyberstalking Scale*, o Inventário dos Cinco Grandes Fatores da Personalidade e questões sociodemográficas. *Resultados.* As análises demonstraram que o traço de personalidade neuroticismo explicou a perpetração do *cyberstalking* ($\beta = 0.20$, $t = 3.30$, $p > 0.01$), enquanto a variável sexo não apresentou influência significativa. Conclui-se que existe uma tendência do perpetrador de *cyberstalking* apresentar um elevado escore no *neuroticismo*, todavia, ressalta-se a importância de se desenvolver mais pesquisas sobre a temática, as quais poderão ajudar a elaborar estratégias de intervenção direcionadas aos perpetradores.

Palavras-chave. *Cyberstalking*; Personalidade; *Big Five*; Relacionamentos íntimos

Abstract. *Objective.* To verify the predictive power of personality traits in cyberstalking perpetration behaviors, controlling for gender. *Method.* 267 people who had experienced or were experiencing an intimate relationship participated. The Intimate Partner Cyberstalking Scale, the Big Five Personality Inventory, and sociodemographic questions were applied. *Results.* The analyses demonstrated that the personality trait neuroticism explained the perpetration of cyberstalking ($\beta = 0.20$, $t = 3.30$, $p > 0.01$), while the gender variable did not show a significant influence. It is concluded that there is a tendency for cyberstalking perpetrators to present a high neuroticism score; however, the importance of developing more research on the subject is highlighted, which may help to develop intervention strategies directed at perpetrators.

Keywords. Cyberstalking; Personality; Big Five; Intimate Relationships



Introdução

Os avanços tecnológicos proporcionaram um aumento no número de interações entre os indivíduos e modificações na dinâmica das relações interpessoais, as quais ocorrem com mais frequência e de forma instantânea através das redes sociais (Kaur et al., 2021). Todavia, o uso exagerado dos meios virtuais de comunicação vem promovendo o crescimento de comportamentos intrusivos e violentos *online*, a exemplo da perpetração do *cyberstalking* (Leite et al., 2023; Marcum & Higgins, 2019).

De maneira geral, o *stalking* (perseguição) é uma forma de violência relacional que precede a criação da *internet*. Caracteriza-se pela presença constante de comportamentos de assédio por parte do agressor (*stalker*), que estabelece formas de vigilância e contatos indesejados com a vítima, percebidos por essa como ameaçadores (Fonseca et al., 2022; Silva et al., 2021). O *cyberstalking* (perseguição cibernética) não possui uma definição consensual na literatura científica, mas é compreendido como uma perseguição que envolve o uso de dispositivos de comunicação digital (Kaur et al., 2021).

Dessa forma, a perseguição cibernética inclui comportamentos intrusivos e persistentes, como o envio de mensagens ofensivas nas redes sociais da vítima, postagens de vídeos e fotos sem autorização, roubo de identidade e compartilhamento de falsas acusações (Marcum & Higgins, 2019). Esse fenômeno pode gerar problemas físicos e psicológicos para as vítimas do *cyberstalking*, tais como, ansiedade, depressão, Estresse Pós-Traumático (TETP), Transtorno de Pânico e ideação suicida (Leite et al., 2023; Tannuss et al., 2024).

Devido à magnitude do problema social, esse fenômeno já vem sendo discutido no Brasil, e, recentemente, foi sancionada a Lei nº 14.132/2021 que regula o crime de perseguição, caracterizado pelo ato de perseguir uma pessoa continuamente, seja por meio físico ou digital, ameaçando-lhe a integridade física ou psicológica com o intuito de invadir ou perturbar a liberdade e privacidade

do indivíduo. O agressor poderá ser condenado à pena de reclusão, de seis meses a dois anos, e multa (Brasil, 2021).

Destaca-se que o número de casos de perseguição *online* tende a aumentar à medida que a *internet* cria uma sensação de despersonalização e desinibição. Nesse sentido, a *internet* oferece mecanismos que permitem ao perpetrador esconder sua identidade e evitar a interação face a face, o que impõe distâncias físicas e emocionais (Leite et al., 2023; Santos et al., 2023). Para além disso, os pesquisadores têm observado que o *cyberstalking* ocorre principalmente no contexto de relacionamentos íntimos, cometidos majoritariamente por ex-parceiros (Kaur et al., 2021). Esses agressores praticam o *cyberstalking* de forma mais extrema e por períodos mais prolongados, uma vez que possui uma maior capacidade de manipulação em comparação aos perseguidores não íntimos (Smoker & March, 2017). Esse contexto deve-se à proximidade e ao conhecimento pessoal obtido durante o relacionamento amoroso, bem como ao fato de já estar presente na lista dos amigos da vítima nas redes sociais (Marcum & Higgins, 2019).

Apesar das consequências do *cyberstalking*, ainda há uma escassez de estudos empíricos para a identificação dos comportamentos de perpetração no contexto dos relacionamentos íntimos, especialmente no que se refere ao delineamento dos *cyberstalkers* (Kaur et al., 2021; Santos et al., 2023). Neste sentido, os pesquisadores têm se dedicado a investigar possíveis variáveis correlatas, principalmente aquelas que destacam as características pessoais como potenciais explicadoras, como a personalidade e as variáveis sociodemográficas (Branković et al., 2023; Leite et al., 2023; Weekes et al., 2025).

A personalidade é entendida como padrões comportamentais estáveis associados a diferentes aspectos motivacionais, emocionais e cognitivos (Kumar et al., 2021). O modelo dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade (CFG) ou *Big Five* é amplamente utilizado para examinar a estrutura da personalidade e sua relação com o comportamento

(Rico-Bordera et al., 2023; Yusof et al., 2022). Esse modelo compreende cinco traços, a saber:

1. Abertura à experiência, refere-se à disposição do indivíduo para experimentar novidades, envolve a capacidade de imaginação e apreciação estética (Pires et al., 2023; Kumar et al., 2021). Está relacionada à compaixão e o quanto a pessoa é sensível aos sentimentos alheios (Gouveia et al., 2021; Rengifo & Laham, 2022).

2. Extroversão remete ao entusiasmo e ao grau de sociabilidade dos indivíduos. Pessoas extrovertidas são reconhecidas pela habilidade comunicativa, autoconfiança e disposição para o prazer. Frequentemente essas pessoas experienciam emoções positivas (Pires et al., 2023; Yusof et al., 2022).

3. Conscienciosidade está ligada a indivíduos disciplinados, obedientes e que almejam alcançar objetivos (Gouveia et al., 2021). Aqueles que obtêm pontuações elevadas neste traço exibem senso de responsabilidade por suas ações (Rengifo & Laham, 2022) e apresentam baixos níveis de propensão a se envolverem em comportamentos destrutivos online, demonstrando respeito às pessoas nas interações digitais (Kumar et al., 2021).

4. Amabilidade é uma característica que se manifesta naqueles que demonstram compaixão e cooperação com os outros. As pessoas com alta pontuação neste traço priorizam relacionamentos interpessoais construtivos e saudáveis (Pires et al., 2023).

5. Neuroticismo é um traço caracterizado pela instabilidade emocional. Os indivíduos com alta pontuação neste traço experimentam emoções negativas, como raiva, hostilidade, ansiedade, depressão, irritabilidade e insegurança (Yusof et al., 2022).

Pelo exposto, entende-se que a personalidade pode atuar como um dos motivadores das perseguições *online*, uma vez que os *cyberstalkers* exibem baixo autocontrole, dificuldades interpessoais, busca por gratificação imediata, ciúme exacerbado, impulsividade e necessidade de controle (Kaur et al., 2021; Wilson et al., 2022; Weekes et al., 2025). De acordo com Kayis et al. (2016), o traço neuroticismo pode ser um fator de risco para comportamentos

online inadequados. Indivíduos com pontuações elevadas nesse traço tendem a evitar a comunicação interpessoal presencial, recorrendo à *internet* devido à ansiedade, insegurança e autoimagem pouco desenvolvida. Ao experienciar sentimentos negativos, eles recorrem a estratégias inadequadas de enfrentamento, resultando, por exemplo, no uso problemático e excessivo da *internet* (Yusof et al., 2022). Além disso, existe uma relação forte entre a prática de *cyberstalking* e pessoas com menor autocontrole (Randa et al., 2026).

Embora os cinco traços de personalidade forneçam uma base sólida para uma ampla variedade de investigações em Psicologia, a relação entre os traços de personalidade e os comportamentos problemáticos *online* ainda é pouco explorada, sobretudo no que concerne ao estudo do *cyberstalking*. Adicionalmente, a maioria das pesquisas publicadas sobre o tema se concentra nas vítimas, destacando a necessidade de estudos que investiguem os perpetradores (Smoker & March, 2017; Silva et al., 2021).

Concomitante a isso, dentre as variáveis sociodemográficas mais estudadas no contexto da perseguição *online*, o sexo destaca-se como uma variável relevante na compreensão do perfil típico do perpetrador e da vítima. Sugere-se que a maioria dos *cyberstalkers* é homem, com uma tendência maior a comportamentos intrusivos, como a tentativa de *login* em contas pessoais (Ahlgrim & Terrance, 2021; Marcum & Higgins, 2019). Entretanto, de acordo com a revisão sistemática de Weekes et al. (2025), nos estudos encontrados não foi identificado um consenso acerca do sexo dos perpetradores, apenas que diferem em seus métodos e na gravidade dos comportamentos de *cyberstalking*. Assim, faz-se necessário evidências adicionais sobre o *cyberstalking*, uma vez que este crime acarreta sofrimento físico, psicológico e financeiro (Smoker & March, 2017).

Diante do exposto, surgem questões pertinentes: de que forma os traços de personalidade estão associados à perpetração do *cyberstalking*? Qual é o papel do sexo e dos traços de personalidade na explicação da perpetração do *cyberstalking* em rela-

cionamentos íntimos? Assim, o presente estudo tem como objetivo geral verificar o poder preditivo dos traços de personalidade, controlando a variável sexo, nos comportamentos de perpetração do *cyberstalking*. Especificamente, buscou-se compreender a relação entre os traços de personalidade e a perpetração do *cyberstalking* em relacionamentos íntimos.

Método

Estudo que emprega um delineamento quantitativo, não experimental, transversal com uma abordagem correlacional.

Participantes

Contou-se com uma amostra não probabilística (acidental) de 267 participantes ($M_{idade} = 22.83$; $DP = 4.08$; amplitude 18 a 33 anos), sendo a maioria de um estado do Nordeste brasileiro (72.3%), do sexo feminino (52.1%) e que estavam namorando (63.3%). O critério de inclusão era ter idade acima de 18 anos, está ou ter estado em um relacionamento íntimo com duração mínima de um mês e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Instrumentos

Intimate Partner Cyberstalking Scale (IPCS; Smoker & March, 2017). Instrumento adaptado para o contexto brasileiro por Silva et al. (2021), reunindo 21 itens, que avaliam o comportamento de perpetração do *cyberstalking* em relacionamentos íntimos (e.g., item 08: "Já verifiquei o histórico do telefone/computador do(a) meu(minha) parceiro(a) para verificar o que ele(a) estava fazendo"; item 21: "Já usei ou considere usar aplicativos de telefone para rastrear as atividades de meu(minha) parceiro(a)"). Nesse estudo, o IPCS apresentou adequada precisão, com alfa de Cronbach ($\alpha = .88$). A escala de resposta é Likert de cinco pontos, variando de 1 (Discordo totalmente) a 5 (Concordo totalmente).

Inventário dos Cinco Grandes Fatores da Personalidade (ICGFP; John & Srivastava, 1999). Adaptado para o Brasil por Gouveia et al. (2021), é composto por vinte itens divididos em cinco fatores que re-

presentam traços, são eles: neuroticismo ($\alpha = .69$; e.g. "Fica nervoso facilmente"), extroversão ($\alpha = .72$; e.g. "É extrovertido, sociável"), abertura à experiência ($\alpha = .60$; e.g. "É original, tem novas ideias"), amabilidade ($\alpha = .69$; e.g. "Gosta de cooperar com os outros") e conscienciosidade ($\alpha = .56$; e.g. "Faz um trabalho minucioso"). Os itens são respondidos em uma escala Likert de cinco pontos, variando de 1 (Discordo Totalmente) a 5 (Concordo Totalmente).

Questionário Sociodemográfico. Foi utilizado para caracterizar os participantes, incluindo as seguintes informações: idade, sexo, estado civil, tempo de relacionamento e cidade em que residia.

Procedimento

O estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde de uma instituição pública do Nordeste brasileiro (Número do Parecer: 3.624.087/ CAAE: 20170719.6.0000.5188), em conformidade com as Resoluções nº 466/12 e nº 510/16. A coleta foi realizada *online*, utilizando a técnica de "bola de neve" via plataforma *Google Docs*, com um *link* divulgado em redes sociais (e.g., *Instagram*, *Whatsapp* e *Twitter*).

A participação no estudo foi voluntária, mediante concordância com o TCLE, que esclareceu os objetivos da pesquisa, garantiu o anonimato e o sigilo das informações fornecidas pelos participantes. Além de informar que a participação não geraria bônus ou prejuízos e que poderia haver desistência da pesquisa a qualquer momento, sem penalização.

Análise de Dados

Foram realizadas estatísticas descritivas (média e desvio padrão), por meio do software SPSS (versão 26), visando caracterizar os participantes da amostra. Posteriormente, foram executadas as correlações entre os traços de personalidade e o comportamento de perpetração do *cyberstalking* utilizando a correlação de Pearson (r). Para explorar o poder preditivo dos traços de personalidade na perpetração do *cyberstalking*, controlado pela variável sexo, foi conduzida análise de regressão múltipla hierárquica.

Para avaliar a normalidade dos dados, foi realizado o teste de Shapiro–Wilk, cujos resultados indicaram que as distribuições se afastam da normalidade [abertura à experiência, $W(267) = .962$, $p < .001$; conscienciosidade, $W(267) = .956$, $p < .001$; extroversão, $W(267) = .972$, $p < .001$; amabilidade, $W(267) = .932$, $p < .001$; neuroticismo, $W(267) = .952$, $p < .001$; *cyberstalking*, $W(267) = .965$, $p < .001$]. Ainda assim, observa-se a prevalência de valores adequados de assimetria (-.438; -.487; -.335; -.929; -.452; .682; inferiores a |3|) e de curtose (-0.284; -0.237; -0.363; 2.505; -0.631; 0.315; inferiores ao intervalo de referência < 8-10), sugerindo desvios pouco acentuados (Marôco, 2014). Assim, considerando a dimensão da amostra ($N = 267$) e com base no Teorema Central do Limite, assume-se que a distribuição das médias amostrais se aproxima da normalidade, permitindo a utilização de procedimentos paramétricos (Marôco, 2014).

No que diz respeito à análise de regressão, com base no gráfico Q–Q dos resíduos (quantis observados vs. quantis teóricos), observa-se que a maioria dos pontos se encontra próxima da linha de referência, sobretudo na região central da distribuição, o que sugere que os resíduos apresentam um padrão globalmente compatível com a normalidade. Nota apenas pequenos desvios nas caudas, mais evidentes nos quantis superiores (pontos ligeiramente acima da linha), indicando uma leve discrepância nos extremos (isto é, alguns resíduos mais positivos do que o esperado sob normalidade). Ainda assim, em função dos desvios se concentrarem principalmente nas caudas e pelo fato do alinhamento ser bom no centro, o pressuposto de normalidade dos resíduos pode ser considerado razoavelmente atendido para fins de inferência na regressão (Marôco, 2014).

Resultados

Inicialmente, destacam-se as médias e os desvios-padrão dos traços de personalidade observados na amostra: o traço amabilidade ($M = 4.10$, $DP = .60$), seguido de conscienciosidade ($M = 3.97$, DP

$= .67$), abertura à experiência ($M = 3.87$, $DP = .74$), extroversão ($M = 3.62$, $DP = 0.82$) e, por fim, neuroticismo ($M = 3.61$, $DP = 0.99$). A média do comportamento de perpetração do *cyberstalking* foi de 2.07 ($DP = 0.65$), um valor abaixo da pontuação média da escala de resposta (2.5), que variava de um (1) a cinco (5) pontos.

Em seguida, para investigar a relação entre os traços de personalidade e a perpetração do *cyberstalking* em relacionamentos íntimos foram executadas correlações de Pearson. Os resultados indicaram que apenas o traço *neuroticismo* apresentou uma correlação positiva e significativa com a pontuação do comportamento de perpetração do *cyberstalking* ($r = 0.20$, $p < .01$). Isso sugere que quanto maior o nível de neuroticismo, mais o indivíduo manifesta comportamento de perpetração de *cyberstalking*. Esses resultados são descritos na Tabela 1.

Posteriormente, para complementar as análises acerca da associação entre as variáveis em questão, buscou-se verificar em que medida os traços de personalidade explicaria os comportamentos de perpetração do *cyberstalking*, controlando o efeito da variável sexo (0 = Feminino; 1 = Masculino). Realizou-se uma análise de regressão linear múltipla hierárquica, introduzindo como variável critério o comportamento de perpetração do *cyberstalking*. A variável demográfica sexo entrou no primeiro bloco, enquanto a variável neuroticismo (único traço significativo na correlação) foi inserida no segundo bloco.

Assim, foi observado, no primeiro passo, que a variável demográfica sexo, ao entrar no modelo, não contribuiu de forma significativa para a explicação do *cyberstalking* [$R = 0.04$, $R^2_{\text{Ajustado}} = -.02$; $F(1, 264) = .38$, $p < .05$]. Entretanto, no segundo passo, com a introdução do traço de personalidade neuroticismo, o modelo tornou-se significativo, colaborando com a explicação de 4% da variância da perpetração do *cyberstalking* [$R = .20$, $R^2_{\text{Ajustado}} = .03$; $F(2, 263) = 5.66$, $p < .05$]. Dessa forma, os resultados demonstraram que apenas o traço de personalidade neuroticismo contribuiu de manei-

Tabela 1. Correlatos entre os Traços de Personalidade e *Cyberstalking*

Fatores	<i>M</i>	<i>DP</i>	1	2	3	4	5	6
1. AE	3.87	.75	-					
2. CO	3.97	.68	.27**	-				
3. EX	3.62	.82	.42**	.39**	-			
4. AM	4.10	.61	.15*	.28**	.30**	-		
5. NE	3.62	.99	.05	-.01	.06	-.06	-	
6. CS	2.07	.05	.01	0,11	.06	-.02	.20**	-

Nota: * $p < .05$; ** $p < .01$; 1. AE = Abertura à experiência; 2. CO = Conscienciosidade; 3. EX = Extroversão; 4. AM = Amabilidade; 5. NE = Neuroticismo; 6. CS = *Cyberstalking*.

Tabela 2. Análise de Regressão Hierárquica dos Preditores da Perpetração do *Cyberstalking*

Variáveis	<i>B</i>	<i>DP</i>	β	Modelo
Passo 1				$F(1;264) = .38$
Sexo ^a	-.05	.08	-.04	$R^2 = .002$
Passo 2				$F(6;256) = 3.71^{**}$
Sexo ^a	-.02	.08	-.02	$R^2 = .036$
Neuroticismo	.13	.04	.20	$\Delta R^2 = .034$

Nota. *DP* = desvio padrão; ^aFeminino = 0, Masculino = 1; *B* = Coeficiente não estandardizado; β = Coeficiente estandardizado; R^2 = Coeficiente de determinação; ΔR^2 = Variação do coeficiente de determinação. * $p < .05$; ** $p < .01$

ra significativa para explicação da perpetração do *cyberstalking* ($\beta = .20$, $t = 3.30$, $p < .01$). Os resultados são descritos na [Tabela 2](#).

Discussão

O *cyberstalking* é um tema que tem despertado interesse entre pesquisadores devido ao avanço das tecnologias digitais, à acessibilidade à *internet* e às novas formas de interação social (Kaur et al., 2021). Nesse contexto, comportamentos de perseguição digital em relacionamentos íntimos passaram a ser compreendidos como uma problemática relevante, sobretudo pelas condutas abusivas de controle e vigilância e as consequências psicossociais associadas à vitimização (Weekes et al., 2025; Wilson et al., 2022).

Esses aspectos motivaram a presente pesquisa, que teve como objetivo geral investigar o poder preditivo dos traços de personalidade na perpetração do *cyberstalking*, controlando a variável sexo. Os resultados permitiram responder parcialmente aos objetivos propostos, especialmente no que se refere à associação entre neuroticismo e perpetração do *cyberstalking*.

Inicialmente, verificou-se que a variável sexo não apresentou contribuição significativa para a explicação da perpetração do *cyberstalking*. Esse achado sugere que homens e mulheres podem praticar comportamentos de perseguição em níveis semelhantes, corroborando estudos anteriores que apontam resultados inconsistentes acerca das diferenças entre os sexos nesse fenômeno (Ayerza et

al., 2026; Branković et al., 2023; Smoker & March, 2017). Além disso, pesquisas têm demonstrado que condutas cibernéticas desviantes podem não ser determinadas pelo sexo, reforçando a necessidade de cautela na interpretação desses achados (Fissel et al., 2022; Sani & Valquaesma, 2020).

Além disso, estudos demonstraram que os homens perseguem com mais frequência do que as mulheres, porém não houve diferenças de sexo na perseguição cibernética (Branković et al., 2023; Leite et al., 2023). Entretanto, é importante destacar que os homens tendem a demonstrar comportamentos de perpetração de forma mais consistente, utilizando um repertório de condutas frequentemente mais agressivas (Ahlgrim & Terrance, 2021). Por outro lado, as mulheres apresentam valores mais elevados em relação a justificção e o tempo de perseguição cibernética, bem como o assédio online (Leite et al., 2023). Dessa forma, os resultados sugerem que a prática do *cyberstalking* em relacionamentos íntimos não pode ser compreendida apenas a partir da variável sexo, envolvendo também outros aspectos individuais e relacionais.

Quanto aos traços de personalidade e aos comportamentos de perpetração do *cyberstalking*, observou-se associação significativa com o neuroticismo. Esse resultado sugere que pessoas com maior instabilidade emocional tendem a apresentar mais comportamentos de perseguição *online* em relacionamentos íntimos. Embora este estudo não permita afirmar causalidade, o achado corrobora com pesquisas anteriores que relacionam o neuroticismo a comportamentos problemáticos no ambiente digital, como *cyberbullying*, dependência de internet e dificuldades de regulação emocional em interações online (Escortell et al., 2020; Kayaş et al., 2016).

A literatura sugere que pessoas com altos níveis de neuroticismo tendem a apresentar maior insegurança emocional, ansiedade e sensibilidade interpessoal, características que podem favorecer o uso mais frequente do ambiente online como forma de interação social (Kayaş et al., 2016; Yusof et al., 2022). Além disso, o espaço virtual pode facilitar comportamentos de

monitoramento e controle do parceiro, uma vez que permite vigilância constante com menor exposição ao confronto direto e às possíveis reações da vítima (Kaur et al., 2021; Wilson et al., 2022).

O neuroticismo também tem sido associado a um baixo nível de autocontrole, o que pode predizer condutas desviantes na internet, como o *cyberstalking*. Em uma revisão de escopo, Wilson et al. (2022) observaram que pessoas com baixo autocontrole são mais propensas a perseguir seus parceiros amorosos *online*, mesmo quando solicitadas a parar. Assim, dificuldades relacionadas ao autocontrole e à regulação emocional podem estar associadas à perpetração do *cyberstalking* em relacionamentos íntimos (March, et al., 2020; Kaur et al., 2021).

Contudo, embora os achados apontem associação significativa entre neuroticismo e perpetração do *cyberstalking*, neste estudo, o modelo apresentou baixo poder explicativo, com o neuroticismo explicando aproximadamente 4% da variância desse comportamento. Desse modo, os resultados devem ser interpretados com cautela, considerando que esse comportamento possui natureza multifatorial e pode estar relacionado a variáveis emocionais, interpessoais, contextuais e socioculturais não contempladas nesta pesquisa.

Nessa perspectiva, outros traços de personalidade também vêm sendo investigados pela literatura como possíveis fatores associados à perpetração do *cyberstalking*, especialmente aqueles relacionados à personalidade sombria (March et al., 2020).

No estudo de Branković et al. (2023), os resultados demonstraram que todos os traços do *Dark Tetrad* estavam relacionados à perseguição cibernética, corroborando achados anteriores (Leite et al., 2023; Smoker & March, 2017). Entretanto, tais variáveis não foram avaliadas nesta pesquisa, de modo que futuras investigações poderão explorar de forma mais ampla a participação de diferentes dimensões de personalidade na perpetração do *cyberstalking*.

Essas considerações reforçam a importância de serem averiguados os fatores preditivos da perpetração do comportamento de *cyberstalking* no contexto dos

relacionamentos íntimos. Nesse sentido, pesquisas envolvendo traços de personalidade, especialmente aqueles relacionados ao modelo *Big Five*, os quais têm se mostrado cruciais para explicar diferentes condutas, incluindo aquelas observadas em contextos *online* (Kircaburun & Griffiths, 2018; Yusof et al., 2022).

Os resultados desta pesquisa contribuem para a compreensão do *cyberstalking*, explorando potenciais antecedentes dessa conduta. Contudo, apesar de evidências favoráveis encontradas, o estudo não está isento de limitações. Por exemplo, a natureza transversal da amostra impede o estabelecimento de relações causais entre as variáveis investigadas (Reiss et al., 2022). Além disso, a utilização de instrumentos de autorrelato pode favorecer vieses relacionados à desejabilidade social, mesmo com a coleta sendo anônima e realizada *online*, o que pode levar alguns participantes a subestimar a gravidade de seus comportamentos ou a sentirem vergonha ao compartilhar detalhes íntimos (March et al., 2021).

Outra limitação significativa é o fato de que a maioria da amostra consistia em jovens adultos na faixa etária entre 18 e 33 anos, o que restringe a generalização dos resultados para outros grupos etários. Apesar dos esforços em recrutar participantes de diferentes estados brasileiros, a amostra não foi completamente representativa da população em termos de diversidade geográfica. Ademais, a quantidade limitada de estudos sobre o tema também pode restringir a extensão das generalizações que podem ser feitas a partir dos resultados encontrados. Não obstante, essas limitações não invalidam os resultados ora apresentados.

Diante disso, como direcionamentos futuros, sugere-se a replicação do estudo em outros contextos, considerando-se amostras maiores e mais diversas, que envolvam outras faixas etárias e diferentes tipos de relacionamentos amorosos (e.g., as experiências de pessoas casadas), considerando que relacionamentos conjugais podem apresentar dinâmicas distintas daquelas observadas em relações de namoro (Marcum & Higgins, 2021). Nesse sentido, a realização de estudos com melhor equi-

líbrio amostral em relação ao sexo masculino, bem como pesquisas longitudinais, será importante para aprofundar a compreensão do *cyberstalking*, auxiliando no entendimento das direções relacionais entre as variáveis.

Sabe-se que até o momento, a literatura não contém pesquisas longitudinais sobre o *cyberstalking*, porém, realizá-las ajudará os pesquisadores a entenderem a difusão ou a gravidade da perpetração, além de fornecer alguma indicação de potencial natureza da perpetração (Marcum & Higgins, 2021). Ademais, seria igualmente interessante a utilização de amostras contendo *cyberstalkers* e vítimas pré-identificadas, visando gerar o entendimento mais refinado acerca do *cyberstalking* e seus efeitos (Wilson et al., 2022).

É desejável que as lacunas e as limitações anteriormente citadas possam contribuir para o delineamento de pesquisas futuras usando outras variáveis, a exemplo da necessidade de controle e a instabilidade emocional. Ainda sobre o comportamento de controle, seria importante considerar o papel do consentimento do parceiro em relação a certos comportamentos, como ser monitorado e fornecer senhas de acesso a mídias digitais (March et al., 2021). Além disso, seria interessante observar diferentes faixas etárias, como a de adolescentes, sobre os quais foi observado que o controle cibernético de seus parceiros estava associado a atitudes sexistas, ao comportamento de *sexting* e ao maior consumo de conteúdo pornográfico (Rodríguez-Castro et al., 2021).

Pesquisas futuras também podem subsidiar ações preventivas e estratégias de conscientização sobre os impactos do *cyberstalking* em relacionamentos íntimos. Além de ampliar as discussões científicas sobre o tema, esses estudos podem contribuir para o fortalecimento de medidas de proteção às vítimas e para o aprimoramento de políticas públicas relacionadas a violência digital no contexto brasileiro, em consonância com a Lei nº 14.132/2021.

Por fim, os resultados sugerem que características relacionadas à instabilidade emocional podem

estar associadas ao *cyberstalking* em relacionamentos íntimos. Entretanto, considerando o baixo poder explicativo encontrado, faz-se necessária cautela na interpretação desses achados, bem como o desenvolvimento de novas investigações que aprofundem a compreensão dos múltiplos fatores envolvidos na perpetração desse comportamento.

Referencias

- Ahlgrim, B., & Terrance, C. (2021). Perceptions of cyberstalking: impact of perpetrator gender and cyberstalker/victim relationship. *Journal of Interpersonal Violence*, 36(7-8), 1-20. <https://doi.org/10.1177/0886260518784590>
- Ayerza, J. M., Lee, J. R., O'Malley, R. L., & Lee, C. S. (2026). Cyberstalking and Online Dating: Examining Cyberstalking Victimization Among Dating App Users. *Asian Journal of Criminology*, 21(1), 5. <https://doi.org/10.1007/s11417-025-09480-2>
- Branković, I., Dinić, B. M., & Jonason, P. K. (2023). How traditional stalking and cyberstalking correlate with the Dark Tetrad traits? *Current Psychology*, 42(30), 26238-26242. <https://doi.org/10.1007/s12144-022-03681-z>
- Dreßing, H., Bailer, J., Anders, A., Wagner, H., & Gallas, C. (2014). Cyberstalking in a large sample of social network users: prevalence, characteristics, and impact upon victims. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 17(2), 61-67. doi: <https://doi.org/10.1089/cyber.2012.0231>
- Escortell, R., Aparisi, D., Martínez-Monteagudo, M. C., & Delgado, B. (2020). Personality traits and aggression as explanatory variables of cyberbullying in Spanish preadolescents. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 17(16), 5705. <https://doi.org/10.3390/ijerph17165705>
- Fissel, E. R., Graham, A., Butler, L. C., & Fisher, B. S. (2022). A New Frontier: The Development and Validation of the Intimate Partner Cyber Abuse Instrument. *Social Science Computer Review*, 40(4), 974-993. <https://doi.org/10.1177/0894439321994618>
- Fonseca, P. N., Silva, P. G. N., Santos, J. L. F., Couto, R. N., & Souza Filho, J. F. (2022). Perseguição virtual: O cyberstalking nos relacionamentos íntimos de adolescentes. Em A. S. G. Pessoa, B. C. S. Sena, & H. K. M. Muniz. (Ed.), *Violência em tela: Crimes virtuais e digitais contra crianças e adolescentes* (pp. Gouveia 137-154). Curitiba: Appris.
- Gouveia, V. V., Araújo, R. C. R., Oliveira, I. C. V., Gonçalves, M. P., Milfont, T., Coelho, G. L. H., Santos, W., Medeiros, E. D., Soares, A. K. S., Monteiro, R. P., Andrade, J. M., Cavalcanti, T. M., Nascimento, B. S., & Gouveia, R. (2021). A Short version of the big five inventory (BFI-20): evidence on construct validity. *Interamerican Journal of Psychology*, 55(1), 1-22. <https://doi.org/10.30849/ripijp.v55i1.1312>
- John, O. P., & Srivastava, S. (1999). The big-five trait taxonomy: History, measurement, and theoretical perspectives. In L. A. Pervin & O. P. John (Eds.), *Handbook of personality: Theory and research* (Vol. 2, pp. 102-138). Guilford Press.
- Kaur, P., Dhir, A., Tandon, A., Alzeiby, E. A., & Abohassan, A. A. (2021). A systematic literature review on cyberstalking. an analysis of past achievements and future promises. *Technological Forecasting and Social Change*, 1-15. <https://doi.org/10.1016/j.techfore.2020.120426>
- Kayis, A. R., Satici, S. A., Yilmaz, M. F., Şimşek, D., Ceyhan, E., & Bakioğlu, F. (2016). Big five-personality trait and internet addiction: A meta-analytic review. *Computers in Human Behavior*, 63, 35-40. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2016.05.012>
- Kircaburun, K., & Griffiths, M. D. (2018). Instagram addiction and the Big Five of personality:

- The mediating role of self-liking. *Journal of Behavioral Addictions*, 7(1), 158-170. <https://doi.org/10.1556/2006.7.2018.15>
- Kumar, V., Dudani, R. & K., Latha. (2021). The big five personality traits and psychological biases: an exploratory study. *Current Psychology*. <https://doi.org/10.1007/s12144-021-01999>
- Leite, Â., Cardoso, S., & Monteiro, A.P. (2023). Dark Personality Traits and Online Behaviors: Portuguese Versions of Cyberstalking, Online Harassment, Flaming and Trolling Scales. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 20, 6136. <https://doi.org/10.3390/ijerph20126136>
- March, E., Litten, V., Sullivan, D. H., & Ward, L. (2020). Somebody that I (used to) know: Gender and dimensions of dark personality traits as predictors of intimate partner cyberstalking. *Personality and Individual Differences*, 163, 110084. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2020.110084>
- March, E., Szymczak, P., Smoker, M., & Jonason, P. K. (2021). Who cyberstalked their sexual and romantic partners? Sex differences, dark personality traits, and fundamental social motives. *Current Psychology*, 42(10). <https://doi.org/10.1007/s12144-021-02174-9>
- Marcum, C. C. D., & Higgins, G. E. (2019). Examining the Effectiveness of Academic Scholarship on the Fight Against Cyberbullying and Cyberstalking. *Am J Crim Just*, 44, 645-655. <https://doi.org/10.1007/s12103-019-09482-8>
- Marcum, C. C. D., & Higgins, G. E. (2021). A Systematic review of cyberstalking victimization and offending behaviors. *American Journal of Criminal Justice*. <https://doi.org/10.1007/s12103-021-09653-6>
- Marôco, J. (2014). Análise de equações estruturais: Fundamentos teóricos, software & aplicações (2ª ed.). Report Number.
- Pires, J. G., Nunes, C. H. S. D. S., Nunes, M. F. O., & Primi, R. (2023). Preliminary validity for the Big Five Inventory-2 in Brazilian adults. *Psico-USF*, 28(1), 91-102. <https://doi.org/10.1590/1413-82712023280108>
- Randa, R., Fansher, A. K., & Reyns, B. W. (2026). Cyberstalking perpetration by college students: The effects of low self-control and prior victimization. *Journal of Criminal Justice*, 102, 102556. <https://doi.org/10.1016/j.jcrimjus.2025.102556>
- Reiss, D.M., Curbow, B.A., & Wang, M.Q. (2022). Young adults' perceptions of intimate partner cyberstalking: behaviors, severity, and associations with depressive symptoms and social isolation. *Sexuality & Culture*. <https://doi.org/10.1007/s12119-021-09885-y>
- Rengifo, M., & Laham, S. M. (2022). Big Five personality predictors of moral disengagement: a comprehensive aspect-level approach. *Personality and Individual Differences*, 184, 111-176. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2021.111176>
- Rico-Bordera, P., Piqueras, J. A., Soto-Sanz, V., Rodríguez-Jiménez, T., Marzo, J. C., Galán, M., & Pineda, D. (2023). Civic Engagement and Personality: Associations with the Big Five and the Dark Triad. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 20(3), 2126. <https://doi.org/10.3390/ijerph20032126>
- Rodríguez-Castro, Y., Martínez-Román, R., Alonso-Ruido, P., Adá-Lameiras, A., & Carrera-Fernández, M. V. (2021). Intimate partner cyberstalking, sexism, pornography, and sexting in adolescents: new challenges for sex education. *International journal of environmental research and public health*, 18(4), 2181. <https://doi.org/10.3390/ijerph18042181>
- Sani, A. I., & Valqueresma, J. (2020). Cyberstalking: prevalência e estratégias de coping em estudantes portugueses do ensino secundário. *Avances en Psicología Latinoamericana*,

- 38(3), 1-18. <https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.8160>
- Santos, I. L. S., Pimentel, C. E., & Mariano, T. E. (2023). Cyberstalking scale: development and relations with gender, FOMO and social media engagement. *Current Psychology*, 42, 4802–4810. <https://doi.org/10.1007/s12144-021-01823-3>
- Silva, P. G. N., da Fonseca, P. N., de Medeiros, E. D., Couto, R. N., & Pereira, R. S. (2021). Intimate Partner Cyberstalking Scale (IPCS): Evidências Psicométricas no Brasil. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación Psicológica*, 2(59), 5-17. <https://doi.org/10.21865/RIDEP59.2.01>
- Smoker, M., & March, E. (2017). Predicting perpetration of intimate partner cyberstalking: Gender and the Dark Tetrad. *Computers in Human Behavior*, 72, 390-396. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2017.03.012>
- Tannuss, A. D. G., Fonseca, P. N. da, Souza, S. J. S. de O., & Oliveira, L. B. S. de. (2024). Cyberstalking nos relacionamentos românticos: Revisão sistemática da literatura. *Revista Portuguesa de Investigação Comportamental e Social*, 10(1), Artigo 1. <https://doi.org/10.31211/rpics.2024.10.1.320>
- Weekes, C. J., Storey, J. E., & Pina, A. (2025). Cyberstalking perpetrators and their methods: a systematic literature review. *Trauma, Violence, & Abuse*. <https://doi.org/10.1177/15248380251333411>
- Wilson, C., Sheridan, L., & Garratt-Reed, D. (2022). What is Cyberstalking? A Review of Measurements. *Journal of Interpersonal Violence*, 37(11-12). <https://doi.org/10.1177/0886260520985489>
- Yusof, N. L. H. M., Majid, A. H. A., & Hamid, S. N. A. (2022). Pandemic: Linking the Big Five and Conflict Management Styles within the SMEs Context in Malaysia. *International Journal of Academic Research in Business and Social Sciences*, 12(3), 640–659. <https://dx.doi.org/10.6007/IJARBS/v12-i3/13005>